PETRÓLEO

Os negócios do Brasil com o México

O diretor comercial da Petrobrás, Carlos Sant'Anna, disse ontem que "o México não tem nada a reclamar do Brasil" quanto à falta de pagamento de compras de petróleo, divulgada ontem pela Imprensa. Segundo Carlos Sant'Anna, não há fundamento na informação de que o México estaria recusando-se a aumentar a quantidade vendida ao Brasil — de 60 mil barris/dia para 80 mil barris/dia — "porque isso foi um acordo entre dois presidentes da República" — João Figueiredo e Miguel de La Madrid, durante a visita do primeiro ao México.

Carlos Sant'Anna destacou que "na realidade o México é quem deve à Petrobrás cerca de US\$ 2 milhões e nós não estamos ansiosos pelos 20 mil barris/dia a mais, porque temos alternativas de compra". Acentuando que a Petrobrás é uma tradicional compradora de óleo mexicano — "até mesmo o de má qualidade" — o diretor da empresa negou também que o Brasil possa ser prejudicado pelo fato de o México estar vendendo petróleo para mercados como a Coréia do Sul e o Japão.

Estoques

Sant'Anna informou também que a Petrobrás considera encerradas as negociações com as multinacionais para a compra de petróleo. Segundo ele, a Texaco e a Chevron renovaram seus contratos de fornecimento já existentes, de 30 mil barris/dia e 40 mil barris/dia, respectivamente, com prazo médio de 120 dias. Ele destacou o apoio dado pela Shell há cerca de um mês, "quando os estoques baixaram a um nível perigoso" pela retenção de um navio carregado com 220 toneladas de óleo no Golfo Pérsico, devido a problemas de crédito. "A Shell desviou um dos seus carregamentos da rota para atender ao Brasil", contou Sant'Anna.

Carlos Sant'anna admitiu que por enquanto "as compras de petróleo para o ano que vem são uma quimera", e que só a partir de outubro próximo serão iniciados os novos contratos — de renovação automática, no caso dos fornecedores tradicionais. "Nossos fornecedores como os países árabes, a China e a União Soviética, entre outros, estão dispostos a manter o seu fornecimento."

Chile cobra dívida

A falta de pagamento de US\$ 5 milhões em produtos vendidos ao Brasil foi reclamada ontem ao diretor da Cacex, Carlos Viacava, pela missão comercial chilena, formada basicamente por empresários, que está há dois dias no Brasil. A dívida

brasileira com o Chile resulta da compra de celulose, cevada malteada, frutas e outros produtos. O pagamento está em atraso desde a centralização do câmbio pelo Banco Central, e Carlos Viacava prometeu aos chilenos que buscará uma solução.

A ajuda do Bird

O Banco Mundial emprestará um total de US\$ 1,5 bilhão ao Brasil, entre julho passado e julho de 1984; nos próximos anos, o desembolso anual médio do Bird para o

Brasil alcançará US\$ 1 bilhão. A informação é do embaixador Leite Ribeiro, que retornou dos EUA, onde negociou um empréstimo de US\$ 65,2 milhões para o Polonoroeste.

Protestos na Argentina

Os termos da renegociação da dívida externa da Argentina foram repudiados ontem por vários setores da sociedade do país. A Força Aérea, por exemplo, manifestou seu

"profundo pesar" pelo resultado das negociações. Políticos como Raul Alfonsín e entidades sindicais como a CGT acusaram o regime militar de ter "vendido o país"